A Homossexualidade em Questão

ANTÔNIO DE PÁDUA L. BARBOSA

A sexualidade e, em particular a homossexualidade, tem sido um tema escassamente abordado pela literatura antropológica. Poucos são os trabalhos que, explicitamente, versaram sobre este importante aspecto das relações humanas. Entre eles, alguns transformaram-se em etnografias clássicas: "A Vida Sexual dos Selvagens" (1929) e "Sexo e Repressão nas Sociedades Primitivas" (1927) de Malinowski, e os livros de Margaret Mead, "Sexo e Temperamento" e "Macho e Fêmea", escritos em 1935 e 1949, respectivamente.

O fato é que o estudo da sexualidade esteve sempre incorporado ao campo da psicologia e da medicina, principalmente, a partir dos meados do século XIX, como tão bem nos mostra Michel Foucault no seu livro "História da Sexualidade".

Os livros de Margaret Mead surgem como um primeiro passo no sentido de trazer para o campo das Ciências Sociais a sexualidade, numa tentativa de repensá-la não apenas no seu aspecto fisiológico, mas também o seu lado social, entendendo como tal o seu estudo num contexto cultural e político mais amplo.

É neste contexto que gostaria de discutir o livro de Peter Fry e Edward MacRae, "O que é a Homossexualidade".*

Para os autores, a "homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo". Esta definição já nos informa a proposta relativizante dos autores, que partem do pressuposto de que não há "'verdade absoluta" sobre o que é homossexualidade e que as idéias e práticas sobre determinado comportamento são ideologias produ-

* FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é a Homossexualidade.* São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1983.

zidas em sociedades históricas e concretas, devendo ser vistas no contexto geral destas sociedades.

O livro compõe-se de vários artigos abordando diferentes aspectos da questão homossexual. Os artigos não obedecem a uma seqüência linear rígida, podendo ser lidos separadamente sem que se perca sua consistência teórico-metodológica.

Não me deterei em fazer uma síntese dos diversos artigos, mas procurarei esboçar os aspectos apresentados que ligam os artigos ao tema central.

Para uma análise melhor, reagrupei os artigos em três tópicos: uma perspectiva histórica, uma perspectiva comparativa e uma perspectiva feminina.

Sendo assim, os artigos "É Proibido Proibir", "Pecado, Crime, Doença e Sem-Vergonhice" e "Nasce uma Estrela ou o Surgimento de uma Consciência Homossexual", estão ligados pela mesma perspectiva: uma retrospectiva histórica do homossexualismo sob aspectos diferentes.

Em "É Proibido Proibir" os autores mostram como se desenvolveu o questionamento do comportamento masculino e feminino convencional, no Brasil, de 1968 a 1982. Segundo eles, o marco inicial se deu com Caetano Veloso e o Movimento Tropicalista em 1968. No início da década de 70 surgem dois grupos musicais que, vestidos com roupas femininas, criticavam o dia a dia da sociedade brasileira: "Os Dzi Croquettes" e os "Secos e Molhados". A partir de 1978, com a abertura política e a anistia, é lançado o jornal "Lampião da Esquina" que procura abordar a questão homossexual sob seus diferentes aspectos políticos, culturais e outros. O ponto culminante do crescimento de um movimento homossexual brasileiro se dá ocm o 1.º Encontro de Grupos Homossexuais do Brasil, em 1980, em São Paulo. Nesse encontro são discutidas a "identidade homossexual" e as relações entre os grupos e os partidos políticos, bem como as formas de atuação e organização.

Em "Pecado, Crime, Doença e Sem-Vergonhice", os autores mantêm um diálogo implícito com Michel Foucault ao discutirem o papel da medicina no campo da sexualidade em geral e em particular da homossexualidade. Seguindo o pensamento de Foucault de que a medicina construiu, ao nível da representação, um novo personagem, o homossexual sadio, eles vão mais além e consideram que hoje ainda persiste essa idéia.

O que se tenta é uma dicotomização da sexualidade, exigindo que as pessoas se autoclassifiquem como hetero ou homossexual,

como se a sexualidade pudesse ser dividida em compartimentos estanques.

O outro artigo que segue esta mesma linha é "Nasce uma Estrela ou o Surgimento de uma Consciência Homossexual" onde eles procuram mostrar como surgiram os movimentos homossexuais nos Estados Unidos e Europa e a sua influência no movimento brasileiro. Ao mesmo tempo, considera-os como a base do desenvolvimento de uma nova identidade social e sexual do homossexual.

Mais do que uma perspectiva histórica de alguns aspectos pertinentes ao homossexualismo, os autores procuram demonstrar nesta abordagem que as idéias e representações sobre a homossexualidade são constructos sociais e estão intimamente ligados ao contexto mais amplo da sociedade. E isto eles o fazem muito bem.

Tomemos como exemplo o artigo sobre o Brasil. Não é por acaso que se observa um crescente rompimento na fronteira masculino/feminino, justamente no período mais repressivo pós-revolução e em pleno auge do Ato Institucional n.º 5. Se não é possível contestar a política nacional, alguma outra forma de se posicionar contra o *status quo* deve surgir para atenuar as tensões exercidas pelo mesmo. Nesse sentido, o Movimento Tropicalista, "Os Secos e Molhados" e Caetano Veloso, surgem de forma irreverente questionando o cotidiano e os valores sociais e morais sem, no entanto, deixarem de ser menos políticos. Por ocasião da chamada Abertura Política, já existia um espaço e um clima não apenas para o expansionismo de uma sub-cultura homossexual, mas também para um movimento homossexual mais político e atuante. O mesmo se observa na análise do papel da medicina sobre a sexualidade, papel este que se torna mais forte e atuante num momento em que a reprodução e manutenção da família se fazia necessária.

No artigo "Mulheres, Berdaches, Bichas e Sapatões", os autores desenvolvem uma comparação entre o Brasil Popular e a Sociedade dos Guaiaqui no Paraguai, estudada por Pierre Clastres. O objetivo é mostrar que em ambas as sociedades as noções e representações sobre masculinidade e feminilidade são bastante semelhantes.

Nessa sociedade, a masculinidade é simbolizada pelo uso do arco e o papel ativo na relação sexual. A quebra de uma dessas regras não é bem vista pelos membros da sociedade. Clastres conta que dois índios, não tendo arco e não sabendo caçar, ajudavam as mulheres nas tarefas domésticas. Mas enquanto um deles era mal visto, o outro conseguiu recuperar um lugar na estrutura social ao adotar o papel social e sexual da mulher. Os homens que se rela-

cionavam sexualmente com este índio não perdiam a sua condição masculina, desde que exercessem um papel ativo na relação sexual. A regra da masculinidade está mantida na medida em que as pessoas socialmente masculinas se relacionam com as pessoas socialmente femininas.

Peter Fry e Edward MacRae comparam este comportamento simbólico com o que acontece no Brasil Popular, onde somente é considerado homossexual aquela pessoa que atua passivamente na relação sexual. O que acontece nestas sociedades é que, simbolicamente, o que determina se uma relação é homossexual ou heterossexual é o uso de símbolos masculinos (o arco, caçar, não usar batom, etc.) e o papel exercido sexualmente. Completa o livro o artigo "As lésbicas, uma pedra no caminho das feministas e das bichas", no qual são delineadas algumas considerações sobre os movimentos homossexuais masculino e feminino, apontando os traços comuns e suas diferenças. Aqui os autores mostram que, se inicialmente houve uma tentativa no Brasil, com o grupo Somos/SP, de formar-se um único grupo homossexual, congregando tanto homossexuais masculinos e femininos, em pouco tempo a ruptura ocorreu, originando dois grupos indpendentes.

Para Peter Fry e Edward MacRae, a causa deste rompimento foi, principalmente, a diferença da problemática homossexual masculina e feminina. Desta forma, os homossexuais femininos tenderam a se identificar mais com as feministas do que com os homossexuais masculinos. Não houve, é claro, uma aceitação imediata por parte das feministas, fato hoje já superado. Outros aspectos importantes na dificuldade do relacionamento entre homossexuais masculinos e femininos seriam: "o diferente significado atribuído à sexualidade por homens e mulheres" e "a diferente educação a que são submetidos quando crianças".

Por outro lado, a própria sub-cultura homossexual fornece meios de desencontros entre ambos. Os homossexuais masculinos têm a seu favor toda uma rede de bares, "boites" e saunas onde, facilmente, podem encontrar um parceiro sexual, enquanto o mesmo não acontece com os homossexuais femininos. No que diz respeito à afetividade, é comum se ouvir que os homossexuais masculinos são mais promíscuos, não deixando passar uma oportunidade de fazer sexo, enquanto os homossexuais femininos são mais fiéis, mantendo relacionamentos mais duradouros. Estas diferenças podem tornar-se mais compreensíveis se nos voltarmos para o contexto mais amplo da sociedade, pois não devemos esquecer que tanto homos-

sexuais quanto heterossexuais compartilham a mesma sociedade e a mesma cultura. Se, por um lado, a sociedade não exerce um controle efetivo nas relações antes do casamento para os homens, em relação às mulheres esta prática recebe severas sanções sociais.

Os autores concluem lembrando que, apesar das diferenças entre homossexuais masculinos e femininos, ambos têm em comum o fato de ocuparem a mesma posição desviante e marginal na estrutura social. Qualquer generalização feita sobre homossexuais masculinos e femininos deve levar em consideração que numa sociedade tanto homens quanto mulheres não "formam um bloco homogêneo, e que as variações dentro de cada grupo social podem ser tão grandes quanto as que existam dentro do próprio grupo".

Para finalizar, acho importante frisar os aspectos que colocam o livro de Peter Fry e Edward MacRae dentro de um contexto mais geral dos estudos antropológicos. Se, anteriormente, a homossexualidade sempre esteve revestida de um caráter médico/biológico, o livro "O que é a Homossexualidade" tem o mérito de resgatar o lado social da questão homossexual, numa tentativa de incorporar este estudo às ciências sociais. Em nenhum momento, os autores fornecem as respostas para o problema. O que eles propõem são novas alternativas teórico-metodológicas de abordá-los. Nos diversos artigos estamos diante de questões importantes sobre os vários aspectos da homossexualidade, cuja sugestão de respondê-las está numa análise da homossexualidade através dos contextos sociais, políticos e culturais da sociedade e dos fatores internos e externos que a afetam.

Ao reivindicar o estudo da homossexualidade para o campo das Ciências Sociais, abordando-a "antropologicamente" como um fato social, os autores estão conscientes de que esta é apenas uma das opções possíveis. O próprio pensamento dos autores é uma conseqüência de sua própria posição social e suas idéias acerca da homossexualidade, que também são produzidas socialmente, o que de forma alguma invalida as questões por eles colocadas. O antropólogo ao exercer o seu ofício não está isento do envolvimento com o seu objeto de pesquisa, sendo mesmo necessário para que ele possa transformar o seu "familiar" em "exótico" e o "exótico" no seu "familiar", na busca constante de compreender a si e sua sociedade.